

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Carlos Fontinha de Moura**

registada em 2008-09-25  
por

Carla Aguiar e Cláudia Simões



## Carlos Fontinha de Moura

Carlos Fontinha Moura nasceu numa casa na Covita, a 1 de Dezembro de 1929. O pai era António Paulo Fontinha e a mãe Maria dos Anjos. O pai trabalhava de pedreiro. Trabalhava também na fazenda, na agricultura. E, depois, foi para a Panasqueira. A mãe trabalhava na agricultura. Carlos é o mais velho de oito irmãos. Aos 7 anos foi para a escola, nos Chãs d'Égua. “Quando vinha da escola ia deitar o gado por aí para o campo e, às vezes, ainda se levava os livros para se lá estudar ainda um bocadinho.” Saiu da escola já com 11 anos, fez a terceira e a quarta classe já de adulto. Tinha 22 anos quando foi para Lisboa. Primeiro foi para uma fábrica de bacalhau. Depois foi para o sabão, onde esteve 30 anos. Aos 60 anos reformou-se e regressou a casa, à Covita.

# Índice

Identificação Carlos Fontinha Moura.....	4
Ascendência António Paulo Fontinha e Maria dos Anjos.....	4
Educação Um aluno humilde.....	5
Casa Paredes com mais de 100 anos.....	6
Percurso profissional A trabalhar nos sabões.....	7
Religião A religião é tudo.....	8
Costumes É preciso trabalhar para comer.....	9
Lugar Dedicção à produção.....	10
Filosofia O refúgio.....	11
Sonhos A família.....	11
Avaliação "Perfeito".....	11

## **Identificação *Carlos Fontinha Moura***



**Carlos Fontinha Moura**

O meu nome é Carlos Fontinha Moura. Eu nasci numa casa na Covita. Foi a 1 de Dezembro de 1929.

## **Ascendência *António Paulo Fontinha e Maria dos Anjos***

O meu pai era António Paulo Fontinha. A minha mãe Maria dos Anjos. O meu pai, trabalhava de pedreiro, em casas. Trabalhava também na fazenda, na agricultura. E, ao fim, foi para a Panasqueira. Então daí é que foi o serviço dele. A minha mãe trabalhava antigamente na agricultura. Algum campo era mesmo em volta da casa, outro era um bocado mais desviado. Plantava-se couves, milho,

batata e feijão. Mais ou menos essas coisas. Animais tínhamos ovelhas, cabras. Tínhamos vacas e vitelas a criar. Os filhos praticamente é que tratavam do gado.

Tenho mais irmãos. Ao todos somos oito. O primeiro era eu. A seguir era o Homero, o Luciano, o António e ao fim era o meu irmão Zé. Raparigas era Ilda, a Maria e a última era a Alice.

## **Educação *Um aluno humilde***

Aos 7 anos fui para a escola. A escola era aqui em cima nos Chãs d'Égua, mais para cá um bocadinho. Ao sair mesmo dos Chãs d'Égua é que era a escola. Demorávamos mais ou menos meia hora. Ia daqui da Covita por o caminho, onde agora é a estrada, direito lá em cima aos Chãs d'Égua a pé. Nem que a gente, às vezes, apanhasse um carro ou que mandassem vir um carro não havia estrada.

Lembra-me tal e qual como seja hoje aqui. O primeiro dia fui, mas de letras não conhecia nada. Ainda não conhecia nada. Comecei então a aprender e comecei a decorar as letras. Era uma professora. Ainda estive um professor dois anos. A partir daí foram só professoras. Aqui nesta terra, às vezes estava cá um ano uma professora. Ao fim estava outro ano sem haver escola. A gente ia-se esquecendo daquilo que aprendia. A gente era miúdo, não fazíamos por estudar. Ainda assim, as professoras que tiveram cá foram umas três. Todas me tratavam bem. Também não respondia como alguns miúdos. Ensinavam as letras, tudo bem.

Na escola escrevíamos em cima das carteiras. Depois escreviam no quadro e a gente passava para papéis. Tínhamos o papel e pedra. A gente, às vezes, escrevia e apagava nas pedras. As senhoras professoras escreviam no quadro e a gente também escrevia nas pedras. Ao fim, vinha ver se realmente estavam as contas e tudo certo ou não. Se não estivesse certo explicava. Nunca me lembra que levasse uma reguada. Nunca. Porque realmente não foi preciso. Era um aluno muito humilde. Nas contas eu decorava muito bem. E nos livros também. Enfim, ia estudando. Às vezes, em casa, à noite, pegava e estudava um bocadinho. A gente quando vinha da escola ia deitar o gado por aí para o campo e, às vezes, ainda se levava os livros para se lá estudar ainda um bocadinho. O gado andava ali e a gente estudava ainda um bocadinho.

## **Uma escola para 20 alunos**

A escola não era assim muito grande. Em quase todas as carteiras havia alunos. Uma média, mais ou menos, aí de 20 a 25 alunos. Aqui havia mais meninos. Eles eram, mais ou menos, iguais à gente. Na neve, às vezes, quando

estava muito, muito a nevar, a gente não ia à escola. Dispensavam-nos. A professora não marcava falta nem nada. Fora da escola, quando era no recreio, a gente jogava com bolas, quer dizer, eram bolazinhas. Não eram em borracha, eram em pano. Um pano bem enclacrado. As brincadeiras a partir daí, eram quase só assim a jogar à bola. Até se fazia uma covinha redonda no chão e ao fim com uns pauzinhos mandávamos para lá para defender. Eram isso as brincadeiras. Brincavam quase todos juntos.

### **A escola em adulto**

Saí da escola já com 11 anos. Às vezes, estavam até aos 12 anos, mais ou menos, na escola primária. Mas esse ano a seguir não houve e pronto. Eu fiz a terceira e a quarta classe já de adulto. Foi em Arganil, no concelho. Quando fiz a terceira tinha aí uns 22 anos. Fiz antes de ir para Lisboa. Já estava em Lisboa quando fui fazer a quarta classe ali a Arganil.

### ***Casa Paredes com mais de 100 anos***

A casa onde moravam os meus pais era esta onde vivo hoje. Era em madeira, mas as paredes estão tal e qual como eram. Já há mais de 100 anos que estão feitas as paredes. Tem três quartos e a sala. Quatro assoalhadas. Na altura a gente vivíamos todos. Também vivia a nossa avó. Éramos 11 pessoas aqui a viver nesta casa. Estávamos apertados, mas ainda havia gente mais apertada. Tinha mais um andar e a loja. Três pisos e ainda o sótão. Na loja eram coisas assim de bebidas. Vinhos, aguardentes. Bebidas unicamente. Tínhamos um caniço. Era por cima, conforme agora está. Era para pôr as castanhas. Ainda secou-se aqui muita castanha. Caíam de noite e a gente ia apanhar a castanha de manhã.

À noite, às vezes, também estudava um bocadinho. Era só, por exemplo, a petróleo, a azeite ou qualquer coisa. Havia já candeeiros a gás, mas isso já foi mais tarde. O Petromax já foi um bocadinho assim mais tarde. Primeiro a petróleo é que era a luz de uma pessoa. A gente jantava, no fim de jantar, quando as noites eram pequeninas íamos descansar para ao outro dia se levantar a tempo para ir para a escola.

Agora somos só três. Só quando, às vezes, vêm os meus irmãos de Lisboa é que a gente somos mais. Mas eles também têm casas.

## **Percurso profissional A *trabalhar nos sabões***

Quando fui para a escola trabalhava aqui na agricultura, no gado. Tinha 22 anos quando fui para Lisboa e assim foi o meu trabalho 30 anos. Eu tinha lá gente conhecida e mandaram-me ir para lá. Eram, mais ou menos, família. Fui para uma fábrica de bacalhau. Para conservar o bacalhau. Estive lá só um ano porque o ordenado era pouco. Depois fui para o sabão, estive até lá 30 anos. Quando entrei para o bacalhau em 1953, ganhava 28 escudos nas oito horas. Mas também há 55 anos. Era pouco, por isso é que eu fui para o sabão, que ao fim era mais ordenado. Quer dizer, eu disse:

- Eu vou sair porque o ordenado é pouco.

Ao fim diz-me lá o encarregado geral:

- "Você é que manda. Aqui a gente paga pouco, você faça como quiser. A gente não o despede, você deixe-se estar."

Fui então para o sabão, estive lá 30 anos. A empresa era Sabosul. Foi também uma pessoa conhecida que me arranjou. No sabão era a gente a lidar com o sabão, a fabricar, a cortar e tudo. Primeiro, não havia máquinas. Era só manual. Aquilo era um serviço muito puxado. O sabão era feito numas caldeiras. Ao sair das caldeiras entrava numa viradora de fazer frio. Quando entrava na viradora de fazer frio, ao sair, já vinha frio. Vinha em barra. Depois era cortado conforme a barra, até entrar para dentro. Os blocos pequenos eram cortados pequenos. Fazia sabão como o Clarin, mas não se dava bem o nome Clarin. Era o Trevo. Gostava de trabalhar lá. Gostava mais de, por exemplo, encher o sabão ou por exemplo arquear. Gostava, senão não lá estava 30 anos. Não foi muito tempo, foram 30 anos. Para andar a gente a mudar, também não era assim grande coisa, mudar de lado para lado. Então estive ali. Entrava às oito horas. Tínhamos três turnos. Era um turno das oito às quatro da tarde, outro turno da quatro da tarde à meia-noite e outro da meia-noite às oito da manhã. Estávamos lá 300 homens. Era uma média de 100 homens cada turno, mas quando não havia as máquinas. A partir de se formarem as máquinas e as colocarem só ficámos 25 a trabalhar. Daqui da terra não havia ninguém. Só duas pessoas ali do Piódão.

### **Reformado**

Aqui não havia empresa nenhuma. Não havia nada. Por causa disso é que eu fui para Lisboa. Quando saí de lá reformei-me e vim para cá. Tinha 60 anos. Agora quase que até nem posso trabalhar. Posso dizer que não faço nada. Eu, por

exemplo, posso regar aí um bocadinho. Primeiro tínhamos gado. A gente cortava o mato e tudo assim. Agora não temos. Praticamente não cultivo.

## **Religião *A religião é tudo***

### **O que mais gostava de aprender**

Aprendi a doutrina na igreja no Piódão. A que está agora lá, já era a igreja em que a gente aprendeu a doutrina. Cá em casa, os meus pais ensinavam também a doutrina. Ensinavam aquilo que eles sabiam. E sabiam! O meu pai sabia muita doutrina, porque ele até era sobrinho de um padre. Ensinavam a doutrina tal e qual como fosse ali na igreja. A gente aos domingos no fim de missa, ficávamos lá um bocadinho a aprender a doutrina, mas mesmo assim cá em casa era ele e a minha mãe. Rezava-se o Terço, à noite, em família. Fiz a minha Primeira Comunhão tinha 7 anos. A doutrina era o que eu mais adorava.

### **As festas religiosas**

Quando havia festa em Chãs d'Égua, ia-se aqui que era um bocadinho mais perto, quando não havia ia-se ao Piódão. As festas costumam ser sempre no fim de Agosto. Era do Santíssimo, do São João e da Senhora de Fátima. A Covita participa sempre, ainda hoje.

No Domingo de Páscoa vinha a Cruz dar a volta, como é hoje. Mesmo aqui no Chãs d'Égua vinham a todas as casas.

### **A missa**

A minha religião era ir à missa pelo menos todos os domingos. Já em Lisboa era o mesmo. Todos os domingos eu ia à missa. Sou católico. Deus para mim, a Mãe do Céu e os santinhos são tudo.

A missa cá era só ao domingo. O senhor padre dizia todos os dias também, logo de manhã durante a semana. Mas como a gente ficava aqui muito longe a pé, era só aos domingos ou então ia aqui em cima, quando ele vinha a Chãs d'Égua à capela. Agora, já tem muitos anos que lá está o Santíssimo, mas vinham aqui. Esteve uma altura, uns anos, aos domingos também era sempre aqui a missa na capela nos Chãs d'Égua. Para ir ao Piódão à missa demorava uma hora, mais ou menos. Não era preciso nem andar de mais, nem de menos.

## **Costumes *É preciso trabalhar para comer***

### **"A moenda"**

O milho era regado e depois no fim de estar criado, cortava-se. Era tirado da espiga e era botado ao sol para secar. Ia para a moenda para moer, para cozer o pão.

Uma pessoa juntava uma debulha numa casa e aqui os vizinhos vinham ajudar aquela debulha. A gente ajudava também às outras pessoas conforme vinham ajudar a gente.

No fim de já estar seco, o milho ficava bom. Levava-se para o moinho nuns saquinhos. Às vezes, levavam naquelas peles próprias dos animais. Aí também se levava o milho. O moinho moía o grão, o milho. Era aqui em baixo no riozinho. Daqui até ao moinho era aí cinco minutos. O moinho era mesmo assim da gente, dos que lá iam moer. Lembra-me muito bem. Tinha duas pedras, uma por baixo, outra por cima, com a água andava em volta e moía o grão até deitar a farinha conforme a gente queria. Um bocadinho mais grossa ou mais fininha para cozer o pão. Um saco daqueles assim, deitava-se à noite, ao outro dia de manhã estava moído. Já sabíamos que era aquele tempo para a gente moer. Ao fim, é preciso ir buscar a farinha.

### **O lagar**

O azeite moía-se aqui em baixo, chamam a Foz d'Égua. O lagar está lá em baixo ao pé do riozinho, onde até se toma banho. Aí é que é o lagar de se moer a azeitona. Aqui dos Chãs d'Égua toda a gente lá ia moer. A gente tinha cada um as oliveiras. Ia-se apanhar, juntava-se num montezinho, depois ia para o lagar. Moía cada um a sua azeitona. Por exemplo, uma pessoa fazia 16 litros, ficava 1 para o lagar, para pagar.

### **"Era um vinho que Jesus!"**

A gente fazia muito vinho. As vindimas também fazíamos. Onde havia mais vinhas era em volta da casa. Era proximozinho. O vinho ficava em baixo, onde se chamava a loja. No fim de estar cozido, no que se chamava umas dornas, ali se

fabricava. A gente tirava de lá para os vasilhos, para os pipos. Enquanto estava a ferver, calcava-se para ir abaixo.

Agora ardeu muita videira e a gente tem pouco vinho, mas ainda há. É pouquinho para comparação àquela altura. Naquela altura, aquilo era um vinho que Jesus! A gente tinha para nós e vendia-se. Ainda tenho aí materiais. A gente puxa a coisa da dorna, deita para lá as uvas e depois fica até a dorna encher. Era vinho tinto e vinho branco. O branco deitava-se separado do tinto e o tinto separado do branco. Deixa-se ferver até estar cozido. Agora com a roldana nem é preciso lá mexer nada com as mãos. No fim de estar cozido é que vai para as vasilhas. Daí já fica para todo o ano.

As vindimas fazia-se com o pessoal da casa. Às vezes, havia pessoas que ainda vinham ajudar. Tinham pouca vindima, faziam aquilo rápido e vinham ajudar. A gente não pagava nada. Não era preciso pagar.

## **Matar para comer**

A gente matava os suínos para comer. Ao fim, algum era salgado e dava para todo o ano. Matava-se um suíno ou dois ou três, aquilo que fosse preciso, no Inverno para se pôr de frio. A gente comprava e depois criavam-se. No dia da matança do porco ele era morto sempre de manhã. Depois era pendurado, aberto. Depois de aberto é que era arranjado. Era desmanchado. Depois de estar já bem frio era salgado. As chouriças eram feitas no fumeiro.

## **Lugar *Dedicação à produção***

Aqui à volta da Covita era, mais ou menos, como é hoje. Só aqui moravam ainda umas 28 pessoas. Os matos, era como é hoje, mas queimou-se tudo. Para cultivar havia muito campo, muito, muito. Agora não se cultiva nada.

A roupa era lavada à mão, num tanquezinho, aí é que lavavam. Mas agora praticamente já quase ninguém lava à mão. Há máquinas. Onde havia uma fontezinha, às vezes, também lavavam ali.

## **Os significados**

Covita tinha este nome, mas não sei porquê que o puseram. Isto já foi dos antigos que puseram Covita e assim está. Era uma quintazita que aqui se formou e assim está. Não adiantou mais nada. Chamavam, por exemplo, as quintas que

aqui pertence a Chãs d'Égua. Mas cada quinta tinha o seu nome. Aqui é Covita, ali para cima chamam Barreiros. Do outro lado chamam os Moinhos.

Chama-se Chãs d'Égua porque havia aqui as Casas Piódão. Havia lá acho que eram dois moradores. Tinham éguas e iam para cima, chamavam lá Chã. Era só abrir-lhe lá a porta e iam para a Chã comer ervas e assim. À noite lá tocava uma coisa qualquer, elas saíam de lá e iam ter ali às casas do Piódão. E então é por isso que ficaram a chamar aqui Chãs d'Égua. Por causa das éguas.

### **À porta de casa**

Naquela altura não havia estradas, não havia nada. Era andar assim por caminhos. No Chãs d'Égua é que paravam as cartas. Todos os dias. Agora o correio vem de Vide para cima. Dá a volta por aqui até ao Piódão. Depois pelas terras todas "pia baixo"<sup>1</sup> até à Vide. E se for preciso vem todos os dias aqui à porta de carro ou motorizada.

### **Filosofia *O refúgio***

Estive lá em Lisboa e até podia ter ficado lá e não vir, mas como gostava de estar cá, na Covita, voltei. Isto é um sossego. Está bem que isto não tem vista nenhuma nem tem nada mas é um sossego. Mudou, está diferente quase como o dia da noite. Porque naquela altura aqui, "pia fora"<sup>2</sup> tudo era cultivado. Agora, nada, nada. A gatinha também é pouca. Mas ainda assim, é saudável para quem cá mora. Senão eu não tinha vindo de Lisboa. Por isso é que eu vim.

### **Sonhos *A família***

Um sonho era a minha família viver toda bem e graças a Deus têm vivido. Gostava de ver melhorado, por exemplo, os caminhos, a estrada. É isso o meu sonho.

### **Avaliação "*Perfeito*"**

O trabalho que estão a fazer para mim é um trabalho perfeito. Gostei de falar, foi com muita satisfação.

<sup>1</sup>por aí abaixo

<sup>2</sup>por aí fora